

**JOÃO
DAVID**

A ASSASSINA

*Para Vânia, por ter me auxiliado
nesta fascinante história.*

1

“O DR. MARCELINO MARTCELLY FOI ENCONTRADO HOJE PELA MANHÃ EM SEU QUARTO, MORTO COM TRÊS TIROS: PROVAVELMENTE ASSASSINADO COM UM TIRO NA CABEÇA E DOIS NO PEITO. A FAMÍLIA FICOU HORRORIZADA COM O FATO OCORRIDO”. Leu ela, num jornal que comprara há três minutos. Ela estava sentada num banco de praça.

—Que instigante, disse ela observando uma foto do falecido.

Esta trajava um Sobretudo marrom aveludado, botas de cano longo e um lenço em volta ao pescoço, que realçava o contorno do seu rosto. O cabelo era de um liso perfeito, com franja, conseqüentemente duvidava em ser uma peruca.

Marcelino Alfonso Martcelly media aproximadamente 1,68m de altura, 72 quilos, cabelos grisalhos, rosto arredondado, nariz e boca perfeita. Dominava uma grande empresa. Residia numa luxuosa casa, com sua esposa Agatha Martcelly e duas filhas: a ambiciosa Frida e a conservadora Ingrid. Costumava fazer negócios com pessoas e gangues ousadas e perigosas. Negociava com pedras e joias valiosíssimas e quadros de pintores famosos.

Antes de dormir, ligava para o chefe da gangue do qual costumava fazer grandes negócios, Otto Houston, e marcava o horário e o lugar para a entrega da mercadoria e o pagamento em espécie.

Sua mercadoria de grande valor era transportada por ele mesmo até um grande cofre no saguão, no subterrâneo de sua casa, lugar desconhecido por todos.

Marcelino, sempre andava acompanhado por dois seguranças, altos e muito fortes.

—Sr. Otto esqueça o meu nome, o meu rosto, esqueça que eu existo, o dizia após entregar o dinheiro.

—Tem medo de ser descoberto, Sr. Martcelly?

—Não quero problemas com a polícia. Sou apenas amigo do coronel Vicente Castelli.

Marcelino sentia pavor quando falavam em polícia. Tinha medo de ser preso e nunca mais sair.

Numa mansão morava a Conselheira Lauretta Morett, uma idosa de oitenta e dois anos de vida, que vive cercada do conforto, bem-estar. Uma mulher que não dispensa nenhum tipo de problema que se resolva. Viúva, outrora se casara com Richard Mayer, convive com Angelina Mayer, sua filha caçula e Catarina Morett, filha mais velha, que constrói uma família ao lado da filha Elizabeth e o marido Luis Avellino.

Sentada numa poltrona, com seus óculos avermelhado, a Conselheira lê um clássico do autor Justino Queiróz, com quem teve um breve caso, na adolescência. O próprio autor dedicou a obra a ela.

Ouviu o barulho da maçaneta, era Angelina.

—Angelina, estava preocupada com você, - disse a Conselheira.

—Sai pra passear.

—Filha, você tem um cabelo belíssimo, não precisa usar essas perucas.

—Gosto delas... Já está informada com a notícia?—perguntou Angelina entregando o jornal a mãe.

—Fiquei horrorizada com tamanha violência. Como pode, ser assassinado na própria casa?

—Nos dias de hoje, não temos segurança nem dentro de casa.

—Que absurdo. Até quando chegará o limite da violência?

—Quando as pessoas aprenderem a trilhar o caminho certo.

—Que Deus tome conta da alma dele.

Angelina subia para o seu quarto quando parou e disse:

—O sepultamento será amanhã, às oito horas.

—Mas já fizeram a autópsia, já resolveram o caso?

—Não sei.

Na casa do falecido, Agatha Martcelly conversa com o seu amante Magno Alberione, que para as filhas era o seu irmão.

—Por que demorou tanto? Era pra eu não estar em casa, imbecil.

—Houve um imprevisto— disse ele friamente. —Me desculpe.
—O que vou dizer para o cel. Vicente? Disse Agatha desesperada.
—Você inventa uma história... E que possa convencer ele.
—Confesso que fiquei horrorizada com o desastre— disse ela sentando-se num dos sofás.

No seu quarto, Frida recebe a visita de Elizabeth, que logo se interessou pelo amante de Agatha.

—Quem é o bonitão?
—Irmão de minha mãe. Veio morar conosco, coisa de família.
—Eu sinto muito por seu pai.
—Estou muito ansiosa pra ver o que eu vou ganhar.
—Frida, você já é rica, o que ainda queres?
—Ah, querida Elizabeth, se você soubesse o segredo que eu guardo, faria de tudo.
—Já resolveram o caso do seu pai?
—Estão no quarto dele.

O coronel Vicente estava no quarto do falecido com alguns policiais e detetives. Infelizmente não encontraram nenhuma pista. O coronel quis interrogar a esposa do falecido.

—Tudo indica que o assassinato aconteceu à noite, disse o coronel.

—Provavelmente, pois o encontrei morto pela manhã, disse Agatha.

—A senhora estava em casa na noite em que seu marido foi assassinado?

—Não... Esse aqui é o meu irmão, Magno. Disse-me que chegaria ao aeroporto à noite. Então fui buscá-lo, pois não sabia onde morávamos. Quando cheguei, ligou pra mim dizendo que o voo tinha sido cancelado e que só chegaria à manhã seguinte. E quando voltava para casa, minha amiga ligou desesperada, queria que eu fosse a casa dela. Foi muito triste, a mãe dela tinha falecido. —Agatha queria chorar. —Me desculpe, eu vou continuar. Então fiquei no velório consolando-a. meu marido ainda estava vivo, quando liguei para ele e avisei que não voltaria para casa. O sol já estava raiando, quando lembrei que tinha que ir ao aeroporto, buscar meu irmão. Quando voltei para casa e fui

para o meu quarto, encontrei o Marcelino caído e uma poça de sangue em volta.

—A senhora conhecia alguém, que queria o mal para o seu marido? Ele tinha algum inimigo?

—Que eu saiba, não.

—O seu marido conhecia o seu irmão?

—Sim, claro, conhecia.

Agatha ficava mais nervosa a cada pergunta que o coronel fazia. Estava segura com a história que inventara, porém qualquer deslize não seria bom.

—Preciso fazer algumas perguntas as suas filhas— disse o coronel.

—Claro... Esta é a Ingrid— ela estava na sala desde as investigações. — E vou chamar a Frida.

Saiu, deixando o coronel com Ingrid.

—As perguntas serão as mesmas feitas a sua mãe. Estava em casa, ontem?

—Não. Fui assistir a um filme no cinema com a minha amiga e acabei dormindo na casa dela.

—Conhecia alguém que queria o mal para o seu pai? Ele tinha algum tipo de inimigo?

—Não senhor.

—Obrigado, senhorita.

Agatha descia as escadas com a filha e Elizabeth.

—Coronel, esta é Frida.

—Muito prazer...

—Eu sei coronel Vicente Castelli. O senhor é muito conhecido disse Frida.

—Isso. Mas vamos ao que interessa. Onde estava ontem à noite?

—O senhor sabe coronel, balada não se tem hora para voltar para casa.

—Entendo perfeitamente.

—Mas tenho algo bem revelador sobre meu pai.

—Pode falar com certeza nos ajudará nas investigações.

—Digamos que o falecido comprasse joias e diamantes roubados. E roubados vem de ladrões. O que tudo indica que o papai comprava os diamantes a uma perigosa e ousada gangue, que tem como chefe, Otto Houston.

—Faz tempo que estamos tentando prender essa quadrilha disse o coronel preocupado.

—Conhecia o Otto Houston, mamãe? Perguntou Frida.

—O seu pai sempre me falava que era um empresário.

—A gangue do Houston é muito perigosa. Eles fazem tudo perfeitamente sem deixar o mínimo de rastros. Impressionante! Disse o coronel.

—E os diamantes onde estão? Perguntou um dos detetives.

Frida, Ingrid, Agatha e Magno ficaram num total suspense.

—Essa é uma pergunta que deixará todos intrigados a partir de agora. Farei de tudo, querida Agatha, para desvendar o crime do meu amigo.

—Obrigada coronel.

—Só me entristece saber que comprava diamantes roubados disse ele.

2

O coronel e os policiais foram embora.

Ingrid foi para o seu quarto e Frida saiu com amiga.

—A sua história foi brilhante, parabéns, disse Magno Alberione.

—*Impressionante* o trabalho do coronel. Pensei que não teria respostas para ele.

—O pior já passou.

—Agora temos que encontrar os diamantes.

—Ambiciosa você.

Apesar de milionária, Agatha ficou muito interessada nos diamantes. Queria ficar mais poderosa. Pretendia transformá-los em joias e exibi-las a sociedade.

Em seu quarto, Ingrid refletia. Não estava se sentindo bem por ter mentido para o coronel. Não sabia o motivo porque seu pai foi assassi-

nado, mas sabia que sua mãe não tinha saído na noite passada. Ficou surpresa com a existência de tais diamantes.

A noite chegou várias pessoas importantes veio para dar suas condolências à viúva Martcelly.

Na manhã seguinte, o sepultamento do Sr. Martcelly. Compareceram as famílias Morett, os Smoles, os Bressan, os Fruet, entre outras famílias. Inclusive o advogado do falecido, Frances Perelmann, que chegou de uma longa viagem, soube que perdera um cliente. Ele sabia muito sobre o cliente, portanto, Frances estava sujeito as perguntas do coronel Vicente Castelli. Frances Perelmann vivia num hotel cinco estrelas e tinha seu próprio escritório, onde recebia e resolvia os problemas de seus clientes.

—Quem será que matou o Marcelino? Perguntou-se o advogado.

Em sua casa, o coronel conversava com o detetive Normann.

—A Agatha nunca me convenceu— disse o coronel.

—Também não. Ela é uma atriz. E o tal do irmão, muito suspeito— disse Normann.

—Agora precisamos ir ao aeroporto para confirmar este voo.

—E a casa da amiga de Ingrid também.

À tarde, ao chegar a sua casa, Agatha ficou surpresa com o telefonema do coronel, atendido pela empregada Marília.

—Dona Agatha, o coronel Vicente ligou à procura de uma informação.

—E qual era a informação que ele queria?

—O número do voo e o aeroporto que o seu irmão chegara. Disse também que era para a senhora retornar a ligação quando chegasse.

Agatha subia a escada quando foi interrompida pela chegada do advogado Perelmann.

—Senhora Agatha? Disse o advogado.

—Perelmann? Assustou-se ela.

—Sim, sou eu.

—O que você quer?

—Ora, apenas vim visitá-la. Soube que meu cliente faleceu.

—Como assim, cliente?

—Eu era advogado do seu marido.

—Ele nunca me falou sobre você. Mas agora já está dispensado.

—Tantas coisas que ele nunca lhe falou.

—Do que você sabe?

—Eu não fui dispensado?

—Ah, me desculpe, é que estou muito exausta.

—Percebo que é uma mulher bem-sucedida, disse ele sentando-se.

—Infelizmente não poderia estar assim se ainda estivesse casada com você.

—Eu poderia dar tudo a você, se não fosse tão precipitada.

—Não vamos recordar o passado, vivamos o presente.

—Você está cada vez mais bonita.

—Obrigada. Uma pitada de luxo não faz mal a ninguém.

—Como estão as investigações.

—Bem, o coronel sempre esperto. Faz perguntas absurdas, sempre detalhadas.

—Tem medo?

—Não, por que eu teria?

—Não é de hoje que te conheço.

—Disse-me que sabia de tantas coisas...

—Negócios de advogado e cliente.

—Sabia dos negócios dele com o Otto?

—Otto?

—Otto Houston.

—Uma boa parte.

—Então me diga onde estão os diamantes e as joias?

—Sempre ambiciosa, hein Agatha?

—Interessam-me. Eram do meu marido.

—Você ficaria louca se visse os diamantes, as joias...

—Eu quero saber onde estão... Frances, nós precisamos desse tesouro.

—Posso te ajudar a encontrar... Mas vai depender de você.

—Por favor, não vá pedir demais...

—Case-se comigo de novo.

—Você está louco?

—A nossa história de amor foi interrompida...

—História de amor? Eu não posso aceitar. Além do mais, meu marido morreu ontem, o que as meninas iriam pensar de mim?

Perelmann levantou-se.

—Pense nas joias, nos diamantes, nas pedras, nos milhões... Dizia ele em volta de Agatha.

—Eu não posso, disse Agatha cedendo um beijo no seu pescoço, ao ex-marido.

Iam se beijar, quando Magno chegou à sala.

—Agatha?

—Ah, deixa eu te apresentar, este é o meu irmão Magno Alberione.

—Prazer, Frances Perelmann, disse este cumprimentando Magno.

—Desculpem-me por ter atrapalhado um beijo tão romântico.

—Certamente, confirmou Agatha.

—Você não era filha única, Agatha?

—Enganaram-me a respeito de um irmão desaparecido, mas que hoje podemos usufruir de uma verdadeira amizade entre irmãos.

—Bem, tenho que ir. Depois nos falamos. Pense na proposta.

Agatha acompanhou-o até a porta.

—O coronel quer saber o número do voo e o aeroporto, disse Agatha.

—E agora?

—Agora estamos perdidos. E tenho que retornar a ligação ainda hoje.

—O que faremos? Inventamos alguma coisa Agatha.

—Não sei o que dizer... Já sei... Agora eu me lembro, hoje no sepultamento, a Sra. Bressan, disse-me que a filha tinha chegado de avião na madrugada de hoje.

—Mas só isso não vai adiantar. O aeroporto e o número do voo, ela disse?

—Não... Mas eu posso falar com ela.

—Está esperando o que?

Agatha ligou para a Sra. Bressan e inventou uma história, conseguindo obter o número do voo e o aeroporto. Agradeceu pelas informações.

—Graças a Deus.

Ligou para o coronel.

—Coronel? Mil desculpas, é que com a morte de Marcelino tenho que tomar frente da empresa. E o meu tempo agora está curto.

—Eu que peço desculpas por estar atrapalhando-a. Mas é meu dever investigar o assassinato do meu amigo.

—O senhor queria saber o número e o aeroporto, certo?